

Os 35 anos da Agência Mertin

PublishNews, Leonardo Neto, 28/09/2017

Em entrevista ao PN, agente alemã Nicole Witt fala das dificuldades em espalhar a literatura em língua portuguesa no mundo e dá pitacos para quem quer ter seu livro publicado no mercado internacional



A próxima Feira do Livro de Frankfurt (11 – 15/10) será (ainda mais) especial para a nossa colunista e agente literária [Nicole Witt](#). É que a Agência Mertin, conduzida por ela, completa 35 anos em 2017. Nascida com a missão de espalhar a literatura nas línguas espanhola e portuguesa mundo afora, a Mertin foi criada em 1982 por Ray-Güde Mertin, que morreu em 2007. Desde então, a agência passou a ser capitaneada por Nicole. Sob sua gestão, em 2015, a Agência Mertin ganhou o prêmio de melhor agente do ano outorgado pela Feira do Livro de Londres e pela

UK Publishers Association.

Nesses 35 anos, a Agência Mertin foi casa de grandes nomes da literatura lusófona como José Saramago (fora do casting desde o início de 2015), José Eduardo Agualusa, Augustina Bessa-Luís e Mia Couto, além de brasileiros como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Augusto Boal, Fernando Bonassi, Carlos Heitor Cony, J.P. Cuenca, Andréa del Fuego, Paulo Lins, Moacyr Scliar, Paulo Scott e Joca Reiners Terron.

Em entrevista ao PublishNews, Nicole relembra alguns momentos importantes da agência envolvendo autores brasileiros, fala das dificuldades em espalhar a literatura em língua portuguesa no mundo e dá pitacos sobre o que um livro brasileiro precisa ter para ser aceito no mercado internacional.

PublishNews - A Agência Mertin completa 35 anos agora em 2017. Quais histórias envolvendo autores ou editores brasileiros mais marcaram a trajetória da agência nessas três décadas e meia?

Nicole Witt - Esta pergunta é difícil porque é muito abrangente. Penso no início da agência, quando Ray-Güde Mertin, a fundadora, traduzia livros do Moacyr Scliar, do Raduan Nassar, do João Ubaldo Ribeiro, e de outros tantos. Me lembro de *Perto do coração selvagem*, da Clarice Lispector, reeditado em alemão em 2013, quando o Brasil foi o país homenageado na Feira de Frankfurt. Penso em sucessos internacionais como *Ana em Veneza*, de João Silverio Trevisan, a obra do Guimarães Rosa, do Érico

Verissimo, do Luis Fernando Verissimo, do Heitor Cony, *Cidade de Deus*, do Paulo Lins ou *Não verás país nenhum*, do Ignácio de Loyola Brandão. Mas também, me lembro da dificuldade – às vezes até hoje – de fazer circular estes livros que mostram um Brasil além dos clichês - a Garota de Ipanema, o carnaval, o futebol. Um Brasil polifônico: urbano e rural; tradicional e moderno; cosmopolita, com livros que podem ser políticos ou mais intimistas.

PN - O Brasil foi o país homenageado da Feira do Livro de Frankfurt em 2013. De lá para cá, a participação brasileira na Feira não para de minguar (segundo o que aconteceu também com a economia do país). O que poderia ter sido feito e não foi feito? Há ainda chances de recuperar o tempo perdido?

NW - Primeiro gostaria de dizer que é bastante habitual que a presença dum país depois de ter sido país homenageado na Feira do Livro de Frankfurt minguem. Devemos pensar que para o ano de homenagem são feitos enormes esforços e que é lógico que não se mantenha este esforço especial nos anos posteriores. Também não podemos esquecer que no ano seguinte, a feira conta com outro país homenageado. Então não é fácil conseguir um efeito duradouro. Mas, claro que é possível. É importante dizer que, em 2013, a literatura brasileira conseguiu bater o seu próprio recorde, ao publicar 93 títulos na Alemanha. No ano seguinte, foram publicados 17, um número muito melhor do que o conquistado nas décadas anteriores. Isto já é um sucesso. De 2015 em diante, esse número caiu, o que, com certeza, tem a ver com vários fatores, mas também com o enfraquecimento do programa de Apoio à Tradução da Fundação Biblioteca Nacional. Para o futuro acho importante que este programa se mantenha. Também acho importante que a literatura brasileira continue mostrando presença nas feiras do livro pelo mundo: não precisa ser massiva, mas deveria ser constante e bem-planejada, com tempo. Lembro-me da feira de Gotemburgo, há três anos finalmente vários autores foram convidados. Ótimo, mas como não houve uma boa coordenação, os livros deles não estavam prontos para a ocasião, e não figuravam em todos os programas. Isto significa um desperdício, claro. É uma pena quando isso acontece. Repito que seria suficiente com convidar poucos autores, mas de forma constante e bem-planejada.

PN – Você falava do Programa de Apoio à Tradução, que facilitou a circulação e a difusão da literatura brasileira mundo afora. Qual a importância desse edital no seu trabalho? Como seria se ele deixasse de existir?

NW - O Programa de Apoio à Tradução da Fundação Biblioteca Nacional é essencial para a presença da literatura brasileira no mundo! Parece-nos excelente que o programa continue e deveria continuar sempre. Ele dá um norte para a base nos cálculos de projetos de tradução, sobretudo para casas editoriais pequenas e medianas, que muitas vezes escolhem títulos literários importantes. Há editores internacionais que pedem especificamente que nós os apresentemos títulos para os quais eles podem conseguir apoio para a tradução. Qualquer "buraco" na comunicação do programa e de projetos apoiados por ele pode ter como consequência a desistência por parte desses editores. Eles podem desistir não só do projeto, como de investir na literatura brasileira. Isso, de fato, já aconteceu. Então parece-nos de máxima importância que o programa funcione de jeito muito estável e transparente. A consequência duma parada do programa seria um número minguado de títulos traduzidos e de atenção pela literatura brasileira.

PN - No ano passado, justamente nessa mesma época, você anunciava a [chegada de autores de outras línguas além do português e do espanhol](#), idiomas correntes nos territórios nos quais a Agência Mertin se especializou seus 35 anos de história. A que se deveu essa iniciativa?

NW - A chegada de autores de outras línguas, além do português e do espanhol, na verdade não foi nenhuma estratégia da agência. Apareceu a ocasião de assumir, por exemplo, o agenciamento do renomado autor libanês Elias Khoury, ou de Bachtyar

Ali, best-seller curdo do Iraque que acaba de receber o Prêmio Nelly-Sachs aqui na Alemanha. A gente se sentiu muito perto deles pelo conteúdo e pelo estilo. Não os quis descartar. Julgo que estas ocasiões também têm a ver com o fato de que em 2015 a agência ganhou o [prêmio de melhor agente do ano](#), entregue pela Feira do Livro de Londres e pela UK Publishers Association, o que deu uma visibilidade adicional ao nosso trabalho e às obras dos nossos autores. Além disso, a gente vai continuar mantendo-se fiel ao nosso perfil original, as literaturas em língua portuguesa e espanhola.

PN - Para esse ano, a Agência Mertin prepara mais algum anúncio relevante?

NW - A agência segue na mesma linha, anunciando nesta feira de Frankfurt o novo romance da Patrícia Melo, *Gog Magog*, que será lançado pela Rocco em novembro, e o novo romance do autor alemão Marc-Uwe Kling, intitulado *QualityLand*, com uma primeira tiragem de 100 mil exemplares. Qualquer coisa além disso, você saberá na nossa festa de aniversário em Frankfurt (risos).

PN - A pergunta de um milhão de dólares: o que um livro brasileiro precisa ter para conquistar espaço no mercado internacional?

NW - Em geral – existem exceções, claro – um livro brasileiro para conquistar espaço no mercado internacional deve ter uma boa mistura entre valores universais (de conteúdo e estilo) e um contexto e colorido local, para justificar o esforço de traduzir do português. O que o mercado internacional não costuma apreciar hoje em dia é a literatura experimental, por exemplo. É importante que o livro conte uma boa história, ou seja, tenha um ótimo *plot*, e que não deixe de lado o fator entretenimento. Evidentemente há ainda (e espero que sempre haja) pequenos editores dispostos a publicar textos muito literários, também complexos e diferentes, mas temos a impressão que cada vez é mais importante para os editores o elemento “venda”.

PN - Estamos chegando a mais uma edição da Feira do Livro de Frankfurt. Você, como uma veterana no evento, já consegue farejar alguma tendência?

NW - O bom das feiras é que sempre podem surpreender, também aos veteranos (risos). É por isso que todos nós vamos lá, não é? Mas o que tenho observado – e não é de hoje – é que o foco está em muitos poucos livros, nos best-sellers, a despeito do alto número de livros produzidos. Muitos destes títulos nem chegam de maneira generalizada aos pontos de venda. Pelos corredores da feira, quando não falamos de best-sellers, que não são tantos, estamos falando de livros que prometem poder chegar a um público mais amplo, não só a um público nicho. No olhar dos que compram direitos, isto parece menos provável para literatura em línguas como o português. Não esqueçamos que a grande maioria dos romances traduzidos tem origem nos países anglo-saxões e que a atenção dos editores, divulgadores e jornalistas se concentra nesta área – além das tendências mais atuais, que são procuradas mais na literatura nacional e traduzida do inglês. Este fato claramente marca uma dificuldade permanente para a gente.

PN - Quais livros / autores brasileiros estão nos prelos de editoras internacionais a partir de negócios intermediados pela Agência Mertin?

NW – Temos livros do Augusto Boal, que no Brasil passa a ser publicado pela Editora 34 depois do fechamento da Cosac Naify, na Argentina, Rússia e Vietnã. J.P.Cuenca está apresentando agora edições de sua obra na França, na Feira do Livro de Gotemburgo [que começa hoje e segue até o próximo dia 1º], na Itália e tem convite para a prestigiosa Feira do Livro de Guadalajara (25/11 a 03/12). Além disso, temos Ferréz sendo publicado na Argentina e na França; Guiomar de Grammont, na França, Alemanha e Sérvia; Paulo Lins, no Egito, Macedônia e Tailândia; Flávia Lins e Silva, na França na Índia; Adriana Lisboa, na Polônia, Eslovênia, Índia e dois livros na China; Paulo Scott, em

Israel, Croácia e Turquia, e Moacyr Scliar, na Croácia, Dinamarca, Geórgia, Indonésia e Kuwait.

[28/09/2017 11:08:00]